

Editorial

VISÃO DO
SUBMUNDO

Com certeza a primeira questão que deve ser respondida num inquérito policial que busque descobrir um criminoso é conhecer os interesses que estão por trás do crime. O véu desses interesses começa a ser levantado no crime que resultou na tortura e morte de dois pequenos empresários mineiros, vítimas de métodos similares aos praticados pela máfia russa.

Segundo se apurou, os dois foram extorquidos porque os criminosos sabiam de suas atividades. Estas não eram santas. Parece que constituíam uma fachada atrás da qual operavam um esquema de lavagem de dinheiro, tendo em vista legalizar transações comerciais realizadas por clientes que trabalham na clandestinidade, em ações como o contrabando.

O irmão de uma das vítimas confessou que “eram grãos de areia” no esquema. Não renderam grandes importâncias aos criminosos. Não obstante, foram assassinados. Outras pessoas mais importantes, como magistrados e políticos, estariam na sua mira. O problema era obter informações sobre as futuras vítimas e descobrir seus pontos fracos.

Parece que não tiveram tempo de desenvolver todo o seu potencial para o crime. Caíram antes e poderiam não ter chegado a tanto se a polícia tivesse sido mais diligente. Houve antes uma grave acusação contra eles, cujo inquérito não teve conclusão até hoje. Também pessoas que foram sequestradas e torturadas por eles, como um publicitário e um sindicalista, não deram queixa dos maltratos.

O caso promete. A corrupção na empresa privada está na berlinda, podendo ter consequências no governo, na política, nas campanhas eleitorais e até na vida privada das pessoas. Como ocorre com frequência, policiais são os primeiros a aparecer. A pretexto de dar segurança, lamentavelmente, eles são presas fáceis e acabam se comprometendo mais do que o devido com esses empregadores de ocasião.

O submundo é maior do que se imagina. E só emerge quando o crime deixa um cadáver ilustre.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Medioli
PRESIDENTE	Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIA DE RE DAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Guilherme Reis	Aline Reskalla
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	EDITORES
Walmir Prado	Primeira Página: Robert Wagner
GERENTE DE MARKETING	Opinião: Victor de Almeida
Alessandra Soares	Economia: Karlton Aredes
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Política: Carla Kreefft
Isabel Santos	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

VULCÃO

EU SABIA QUE
AQUELA BATATA FRITA
COM TORRESMO
NÃO IA ME FAZER
MUITO BEM!



Duke

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Nas eleições, se não acredita,
eu vou sonhar pra você ver

Não era voto de cabresto, mas de consideração

Tá no sangue. Nas eleições acabo como em “Cantigas de Sabiá”: “Xô meu sabiá, xô minha zabelê/ Toda madrugada eu sonho é com você/ Se você não acredita eu vou sonhar pra você ver”. Eleição é festa. Tempo de sonhar sonhos possíveis. Papai, ao falecer aos 33 anos (1963), era, pela segunda vez, o “vereador do Braulino”. Meu avô, o personagem político da família e da eterna confiança do deputado Sales Moreira Lima – dever moral que herdou do pai, o velho Bodô, meu bisavô, vaqueiro do deputado na década de 30.

Os Bodô votavam no deputado. Não era voto de cabresto, mas de consideração, coisa hoje muito esquecida. Honravam a memória do velho Bodô, homem de um tempo em que no sertão todo vaqueiro tirava uma sementinha de gado. Ter um gadinho, sina de quem gosta de leite mungido na porteira do curral e do cheiro de bosta de boi, perpassou todas as gerações do velho Bodô: filho, neto, bisneto, trineto e tataraneto (quarta geração de netos).

“Seu” Sales e Dona Lili, sua esposa, chegavam num Jeep. Era parar e o foguete correr solto. A casa enchia. Festa. Deixavam tudo “no jeito”: dinheiro para transportar gente pra votar, o segredo de garantir votos naquela biboca. Tia Lô dizia: “Pobre andando de carro em dia de eleição é voto do ‘sinhô’ Moreira da Serra Negra”. Uma vez ouvi meu avô dizendo: “Deputado, a comida é por minha conta. Mato uns garrotinhos com prazer pra garantir comida farta pros seus eleitores. Pra lhe eleger, aqui em casa todo mundo trabalha. Até minha neta (“euzinha” aqui...) já escreve os papéis pros eleitores. A gente da-

qui é de pouca leitura. Meus votos são certos. Palavra de Bodô”.

É um diálogo que elucida o poder do dinheiro nas eleições. Já era proibido dar comida e transportar eleitores. Ninguém ligava. No quintal da vovó era feita uma latada. Um monte de mulheres preparando arroz, cozidão, panelada e “carne fresca sapecada na brasa” (hoje é churrasco!). Feijão? Jamais! Imagina dar feijão pra eleitor!

Em Graça Aranha, a política era de alta temperatura e pressão. Fervia. Policiamento ostensivo – soldadinho para

Ela sabia os votos dele em cada urna! Ainda adora eleições, mas diz que hoje são sem graça. Tem razão. Impossível reproduzir sua boca-de-urna.

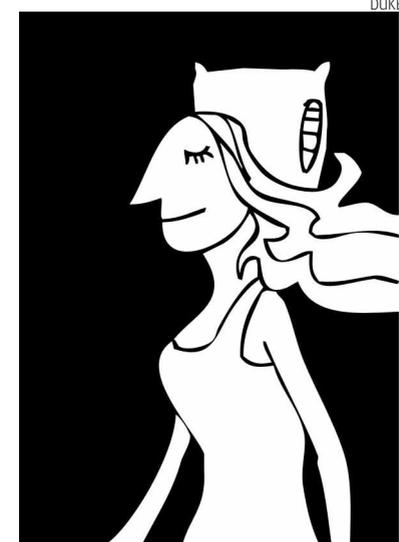
cima e pra baixo. Diziam que era para “guardar as urnas”.

Uma vez prenderam um caminhão cheio dos Bodô do Centro do Hermínio. A mando do prefeito, Nacor Rolim, adversário do pai velho. Ele falou pra vovó: “Maria, cadê meu revólver?” Vovó despachou as crianças pra “Quinta do Braulino” (nome da nossa propriedade). Anos depois conversei com ele sobre o assunto. Disse-me que para “desprender” seu povo foi suficiente mandar um portador dizer ao prefeito que os Bodô eram homens de bem e nunca dormiram na cadeia, mas se ele quisesse um motivo pra um Bodô dormir en-

gaiolado não soltasse o caminhão “incontinenti”, palavra que ele usava muito, que significava: agora, na hora, já!

Mamãe recebia os caminhões, distribuía um papelzinho e levava o povo pra votar. Era o terror das seções eleitorais. Muito simpática, abordava mais mulheres, dizia: “Deixa ver se tá levando o papel certo”. Se não era dos candidatos dela, bradava: “Num é esse não! Pega o certo!” E, de braço dado, ia com a pessoa até a entrada da seção. Boca-de-urna de 100%. Papai era dos mais votados. Ela sabia, certinho, os votos dele em cada urna! Dias antes, fazia serão escrevendo à mão os tais papezinhos, acho que eram números, que no dia da eleição carregava dentro do sutiã. Ainda adora eleições, mas diz que hoje são sem graça. Tem razão. Impossível reproduzir a sua boca-de-urna.

Adoro eleições porque insisto em sonhar.



DUKE